

# A FILOSOFIA EM DISCUSSÃO

VOLUME 1

JOSÉ MEIRINHOS  
VERA RODRIGUES  
VÍTOR GUERREIRO  
/EDS.

COLEÇÃO TA PRAGMATA

 PRAXIS

Título: A Filosofia em Discussão - Volume 1  
Eds.: José Meirinhos, Vera Rodrigues e Vítor Guerreiro

Praxis - Centro de Filosofia, Política e Cultura  
[www.praxis.ubi.pt](http://www.praxis.ubi.pt)

LusoSofia: Press  
Coleção: Ta Pragmata  
Direção: José António Domingues e Olivier Féron  
Design: Cristina Lopes

ISBN  
978-989-654-852-0 (papel)  
978-989-654-853-7 (pdf)  
978-989-654-854-4 (epub)  
Depósito Legal  
505487/22

Tiragem: Print-on-demand

Universidade da Beira Interior  
Rua Marquês D'Ávila e Bolama  
6201-001 Covilhã. Portugal  
[www.ubi.pt](http://www.ubi.pt)

Covilhã, 2022

© 2022, Sociedade Portuguesa de Filosofia e Autores (para o respetivo texto).  
© 2022, Universidade da Beira Interior.

# Artur Morão, a alegria do saber

Américo Pereira<sup>1</sup>

Num mundo epistemológico rendido ao *marketing* e ao carreirismo, em que o sentido da heurística profunda do real é secundarizado e substituído pelo serviço aos interesses oligárquicos, em que todas as desculpas são boas para não se enfrentar as grandes questões, confrontação que obrigaria não apenas ao abandono de uma fácil dispersão gnosiológica e de uma analiticidade adoradora do vácuo semântico, mas a esforços, ainda que falhados – é o grosso da história do saber –, de síntese, cujo labor obrigaria a longos e penosos trilhos racionais, incompatíveis com os pseudo-princípios a que se aludiu inicialmente, *persistem honrosas exceções de verdadeiro amor ao saber pelo saber*, ato fundador da Academia e de toda a cultura.

Entre estas honrosas exceções, situamos a pessoa do nosso, em boa hora, homenageado, *Professor Artur Morão: carne inteligente*, feita da matéria destes chãos, das tradições destes povos, e de um especialíssimo dom ontológico próprio, a que nos atrevemos a chamar, *o dom da alegria do espírito em ato*.

1. Universidade Católica Portuguesa.

Havia uma alegria metafísica nas aulas, precisamente de epistemologia e de hermenêutica, ministradas por Artur Morão. À tristeza pós-humeana de uma ciência sempre feita em oxímoro – de saber fundamental infundamentado –, quando não em fundamentação *não falsa*, mas propriamente mentirosa, tal a incapacidade que David Hume teve de passar das únicas impressões a qualquer *forma de sua estruturação*, dada necessariamente por *impressões que não há e não pode haver*, sobrepunha-se uma *bachiana alegria* – depois de Hume e de Kant, necessariamente *metafísica* – acerca do autêntico milagre noético que é saber, compreender, conhecer, intuir, inteligir, apreender o sentido, coincidir com o “logos”, escolha-se o termo mais adequado.

Esta alegria, que surgia até no brilho dos olhos do Professor, no seu sorriso, no todo do seu rosto, no seu franco e sonoro riso, parecia manifestar exteriormente uma qualquer forma de contemplação interior acerca de algo muito profundo.

Não é este, precisamente, o momento de coincidência do que a humanidade é em seu inalienável ato próprio, com isso que é o “logos”? “Kairos” em que *se é “logicamente”*, em que toda a carne humana se transforma em sentido? Sentido que transporta a alegria, que é a alegria?

*Toda a ciência* – que não se resume ao protocolo da moda em dado momento, paradigma próprio ou imposição mais ou menos fascistóide – *começa precisamente com este ato* – e isto é o ato, não é preciso ler um manual de metafísica para não o perceber – que consiste *em se intuir como ato de sentido de si e do resto, de si e do mundo. E isto é tudo.* E isto não é idealismo: é o que nós, todos nós, somos como, precisamente, “logos”, “logoi” de “logos” feitos. Nós, e, em nós, isso a que chamamos mundo. Quem tiver

dúvidas, faz o favor de aniquilar definitivamente em si próprio tal ato. Esperaremos pacientemente pelo relatório respetivo feito pelo próprio. E com alegria o faremos.

Na altura, não o percebia, mas, agora, posso dizer que Artur Morão dava as suas aulas como se estivesse a viver o ato de que Aristóteles fala no parágrafo final dos seus *Analíticos Segundos* (cota 100 b 10-15), o da apreensão dos princípios.

Dar cada aula, estar perante os alunos como quem está em ato de contemplar a lógica profunda do real, maravilhada-mente. Estar perante o ser como possibilidade lógica como quem se deixa penetrar pela doce, mas irreduzível luz do sol platónico; ser penetrado pelo calor do ser mesmo quando se dorme a sesta, prelúdio para mais umas horas de estudo e de trabalho. O *santo trabalho intelectual*, para lá de jesuítico, profundamente humanizante e difusor universal de humanidade.

Ora, Artur Morão foi (e é) um Homem de Trabalho, talvez vários em um só, mas a alegria alarga o ser: lembro-me de ter tido uma duríssima discussão, enquanto Secretário da Faculdade, com dois Vice-Reitores, porque o Professor Artur Morão tinha mais do dobro das horas normais de leção atribuídas. O facto é que nesse ano houve que montar especialmente mais do dobro dos núcleos de estágio em Filosofia e grande parte do trabalho de acompanhamento caiu sobre o Professor Artur Morão, que, tendo tal esforço sido dele solicitado, com alegria, o aceitou.

Ainda como trabalho extraordinário, lembro-me de o nosso homenageado ter aceitado ficar com a leção da nova disciplina de “Cristianismo e Cultura”, no Ano-Propedêutico, desenvolvida a partir de uma ideia do Professor Pedro d’Orey da

Cunha – outro Jesuíta –, que consistia em fazer da cultura e do diálogo cultural bem informado o esteio estruturante do Programa e da lecionação.

Quem melhor do que o Professor Artur Morão para realizar tal tarefa? O trabalho foi realizado com grande mérito e sucesso, num ano de transição entre níveis de estudo, sendo esta disciplina um fator fundamental da introdução dos jovens estudantes à vida acadêmica, suas exigências, seu novo nível intelectual. Notável esforço, infelizmente posteriormente desperdiçado.

Num horizonte cultural mais vasto do que o proporcionado pelos muitas vezes opacos muros da Academia, o da cultura em seu sentido geral – que deveria abarcar a Academia –, Artur Morão desenvolveu um trabalho verdadeiramente transcendente – e em sentido kantiano, pois é tão objetivável quanto a *Ding an sich* – no que diz respeito ao acesso em língua portuguesa, boa língua portuguesa, a grandes textos com classe dos panoramas filosófico, teológico, entre outros.

Para a minha geração, há uma demarcação clara em termos periódicos entre o antes-de-Morão e o não “depois-de-Morão”, pois ainda o temos conosco, mas o “com-Morão”, relativamente ao acesso em português à grande literatura dos campos culturais agora mesmo aludidos.

Quando iniciei o meu percurso universitário em Filosofia, precisamente num outro ano-propedêutico, quase não havia literatura filosófica em português, salvo a escrita originalmente na nossa língua: havia umas coisitas – aliás, boas – da Editora Cosmos; umas outras da Editora Inquérito; havia já alguma coisa da Fundação Calouste Gulbenkian, nomeadamente a *República*, de Platão. A Imprensa Nacional também tinha alguma coisa, pouco.

Pouco mais havia, ou de pouco mais me lembro, apresentando as devidas desculpas pelas inevitáveis omissões, neste exercício feito apenas da memória que sou.

O cenário era ainda mais dramático porque, com exceção das obras da Fundação Calouste Gulbenkian e da Imprensa Nacional Casa da Moeda, as demais encontravam-se quase exclusivamente em alfarrabistas. Era este, a traços largos, o triste chão editorial em termos filosóficos em que se vivia em Portugal antes da ação corajosa, sistemática, eficiente, persistente, mesmo quando criticado – talvez em nome da última e definitiva palavra da lusitana epopeia, “inveja” – injustamente ou sem a necessária delicadeza que a justiça deve ter.

Existe qualquer coisa do melhor que há em Nietzsche na atitude de soldado de paz com que Artur Morão foi prosseguindo no seu trabalho de produção de traduções, algumas magníficas, de grandes textos de Filosofia, depois Teologia, etc. Não é esse algo o folclórico Dioniso da vulgata, mas a nobreza do que a Vida guarda em si de mais forte, de melhor, de mais belo, de mais puro: a alegria do criador, do *Kind*, que, aliás, se patenteia em Morão quando ri altissonantemente.

A alegria no labor e do labor do poeta. Do *que faz*, do *que age*, do *que cria*, do *que semeia*, do *que espalha o sêmen do saber* – e nisso é sábio –, do *que é pai espiritual da mudança cultural*, do *que anda, avança*, heracliteamente, criando cultura, criando sentido, criando humanidade.

Na sua nobreza, Artur Morão sorri e ri, como só os aristocratas da vida e do sentido podem fazer. Mas, *numa vida dedicada ao bem*, que pode ele fazer? Bem-haja por esse sorriso, meu querido Senhor Professor. Por muitos anos se levante ele como o sol por entre as montanhas das nossas Beiras.

Por último, como coda de uma peça que é toda um imenso ainda que insuficiente agradecimento, uma nota ainda mais pessoal: em quatro letras – B, A, C, H., Bach!

Não é que desconhecesse Bach antes de ser aluno do Professor Artur Morão, mas aquele quase delirante entusiasmo com Bach – o maior teólogo do Ocidente! (certamente, pois não há uma nota que não diga o “*logos*” de Deus) – levou-me a investigar se o Professor tinha razão. E tinha!

Tudo isto, aqui, é um mau agradecimento a quem merece muito mais. No entanto, para lhe agradecer o bem que me fez ao levar-me, com a sua paz e modo de paz – a descobrir verdadeiramente Bach, nunca terei palavras, que ou não as há ou não as encontro eu.

Quantas horas de quase desespero o seu e meu Bach transformou em – precisamente – alegria! Naquelas notas encadeadas com um “*logos*” especialíssimo, encontramos a mais profunda angústia, *a de Deus*, nas cordas do violoncelo, *a nossa*, talvez em todos os outros instrumentos. Naquelas notas, encontramos a mais elevada alegria, *a nossa e a de Deus* – quem sabe – no claro timbre das vozes, dos metais, não em fuga para o céu, mas em contemplação do bem-nosso-de-cada-dia, como quem, com o coração trespassado por uma lança, é perpassado nos olhos pela mais doce das luzes, na esperança de que a lança seja apenas a ilusão sombria dessa mesma luz.

Mais palavras apenas moveriam ar, sem acrescentar senão vácuo de sentido.

Por isso, aqui lhe deixo um bem-haja não do tamanho da nossa gratidão, mas do tamanho da grandeza daquilo por que agradecemos: bem hajas Amigo Artur Morão por seres o que és, quem és!